



AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO COTIDIANO DA MARUJADA: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DOS SABERES POPULARES E SUA IMPORTÂNCIA PARA O PROCESSO EDUCATIVO

Dilma Oliveira da Silva¹ - UEPA

Grupo de Trabalho – Cultura, Currículos e Saberes
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

As diversas manifestações culturais na pós-modernidade apresentam-se como espaços de complexidades – no qual existem sujeitos – onde estes desenvolvem saberes, crenças, costumes, rituais, entre outros, que estão imbricados num processo educativo capazes de formar e informar indivíduos dentro de seu contexto. Focalizamos o estudo das práticas educativas vivenciadas no cotidiano da Marujada de Tracuateua/PA, uma manifestação cultural oriunda de uma religião de origem africana na Amazônia, bem como os saberes culturais construídos e socializados nas relações sociais num processo de ensino e aprendizagem deste ambiente religioso. Pretendemos, ao discutir os dados obtidos com a pesquisa bibliográfica, não apenas dar espaço à educação e aos saberes populares da referida manifestação estudada, mas, também, descrever que não existe apenas um lugar para construir conhecimento. Assim, o objetivo principal desse artigo é apresentar, através de uma análise epistemológica, a Marujada de Tracuateua/PA como uma manifestação cultural que desenvolve saberes representados pelos ritos e símbolos perpassados de geração à geração que vão desde a oralidade até aos gestos corporais. E essa perpetuação dos saberes dos rituais da marujada pelo processo de ensino e aprendizagem, com seus participantes através de práticas educativas. Destacamos ainda, a diversidade do conhecimento, que podem contribuir com um paradigma da pós-modernidade reconhecendo e validando os saberes populares. Usamos como principais bases teóricas para fundamentar essa discussão os seguintes autores: Brandão (2010), Santos (2002), Morin (2000), Dussel (1994), Geertz (2008) e Oliveira (2007). Como caminho metodológico, utilizamos para esse estudo apenas pesquisas bibliográficas por se tratar de uma pesquisa em andamento e sem, ainda, dados de campo. E por fim, o resultado dessa discussão sinaliza a necessidade de diálogos entre saberes formais e não formais, apresentando assim um desafio que as instituições formais de ensino devem enfrenar para abrir-se aos saberes que são construídos pelos diferentes grupos sociais.

¹ *Mestranda* em Educação: Saberes Culturais e educação na Amazônia pela Universidade Estadual do Pará - UEPA. Professora da Rede Pública Estadual e Municipal do Pará. Especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia pela Faculdade Ipiranga. Graduada em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e Graduada em Licenciatura em Computação pela Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. E-mail: dilmasilva@ymail.com

Palavras chaves: Marujada. Saberes populares. Epistemologia e Educação.

Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado, em andamento, desenvolvido a partir dos estudos realizados durante a disciplina Epistemologia e Educação, ofertada pelo programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado da Universidade do estado do Pará.

No desenvolvimento da disciplina foram discutidos e apresentados temas que abordavam pensamentos da Racionalidade Clássica, Moderna e Pós-moderna ou Contemporânea. As explicações evidenciavam que os modelos de pensamento clássico e moderno concebiam uma visão positivista cujo saber produzido pela ciência era tido como único e verdadeiro. Este modelo de racionalidade moderno tem caráter totalitário e não admite que outros modos de produção de conhecimento – não seguidos pelos mesmos caminhos epistemológicos e metodológicos, não poderiam ser considerados racionais, ou seja, não eram reconhecidos como conhecimentos, e daí tinha-se uma visão muito mecânica do mundo. Porém, com o surgimento do pensamento pós-moderno aquela realidade vem mudando, apontando um novo olhar para a ciência, demonstrando a necessidade de compreender e valorizar os outros saberes diferentes ao saber científico, entendendo que os diversos conhecimentos não devem estar dissociados dos outros saberes, mas relacionados.

Contudo, pretendemos, aqui, apresentar diferentes visões e modelos de racionalidades desenvolvidas ao longo do tempo pela ciência, pois acreditamos ser importante essa discussão para entender as formas, as características e as peculiaridades dos métodos científicos e suas contribuições para o entendimento dos demais construtos surgidos a partir de então. Lembrando com isso que defendemos uma ciência nos moldes dos novos paradigmas que considere e valorize os diferentes saberes para a construção social e cultural.

Nessa perspectiva, focalizamos o estudo das práticas educativas vivenciadas no cotidiano da Marujada de Tracuateua/PA, uma manifestação cultural oriunda de uma religião de origem africana na Amazônia, bem como focalizamos os saberes culturais construídos e socializados nas relações sociais num processo de ensino e aprendizagem deste ambiente religioso. Pretendemos, ao discutir os dados obtidos com a pesquisa bibliográfica, não apenas dar espaço à educação e aos saberes populares da referida manifestação estudada, mas, também, questionar que não existe apenas um lugar para construir conhecimento, como afirma a ciência moderna, mas sim questionar essa visão fechada de construção de conhecimento, motivo para apresentarmos uma

epistemologia, uma concepção de ciência que defenda o não-silenciamento desses saberes populares.

Pelo exposto, informamos que este artigo se encontra estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos um breve debate dos saberes populares e sua base epistemológica para a definição de saberes que são produzidos no processo entre cultura e educação enquanto elos que se processam para formar e informar os diferentes grupos nas sociedades. Num segundo ponto, discutiremos os pressupostos teóricos dos diferentes espaços de conhecimento dentro de uma perspectiva que existem outros lugares que constituem e produzem conhecimento além da escola, isto é, mostrar que os saberes populares também se apresentam numa relação de ensino e aprendizagem. E por final faremos uma apresentação, com base em pesquisa bibliográfica, dos Saberes da Marujada com o processo educativo presente em seu cotidiano, caracterizando-a, como saber necessário para a construção do conhecimento, bem como um saber capaz de formar e informar indivíduos dentro de seus espaços.

Os saberes populares: um debate epistemológico

Diversos autores da pós-modernidade como Santos (2003), Morin (2011) e Dussel (1994) apresentam outro paradigma, o qual vai direcionar a ciência para novos olhares que defendem a diversidade do conhecimento. Vivenciamos um período importante de mudanças dos modelos de ciência, isto é vivenciamos uma crise de paradigmas, como uma mudança conceitual, mudança de visão de mundo, resultado de uma insatisfação com os modelos anteriormente predominantes que explicavam e, em alguns casos ainda explicam os fatos, levando, geralmente, a uma mudança de paradigmas.

Esse novo modelo considera os diversos saberes, antes marginalizados, para a construção do conhecimento científico. Dentre esses autores destacamos: Santos (2003, p. 21) que apresenta um paradigma emergente – o qual deve relacionar e não dissociar o conhecimento, não o tornando dualista, mas fundamentado na superação das distinções tão familiares (...) “tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa”.

Dussel (1994) se insere nesse novo paradigma de conhecimento, na chamada filosofia da libertação, que busca, ao mesmo tempo, desenvolver uma discussão crítica e fomentar uma prática libertadora nos povos da América Latina. (ZIMMERMANN, 1987). Dussel defende o projeto de libertação política, econômica, ecologia, erótica, cultural, pedagógica, religiosa das diferentes sociedades, assumindo a necessidade de reconhecer a

“razão do Outro”. Pois segundo o autor esse é o caminho para superar o modelo moderno de ciência que se volta apenas para o conhecimento construído pela ciência. E essa afirmação com respeito a visão do outro, possibilitaria uma razão ética comprometida com outros conhecimentos.

Na obra “Os Sete saberes populares para a educação do futuro”, Morin (2011) discute a educação pautada nas diversidades e pluralidades dos diversos saberes. As suas ideias se voltam para uma reflexão a respeito de uma mudança e reforma para o pensamento e o ensino, buscando na intenção de transmitir uma cultura que não dissocie os diversos conhecimentos, mas que estes se relacionem um em detrimento do outro para que ambos possam compreender a condição humana. Pois entendemos que para o autor deve haver um diálogo entre a ciência e os saberes populares para que possa existir uma facilidade maior do indivíduo em se contextualizar.

Para Morin (2011) a construção do conhecimento deve considerar a interdependência de outros saberes, desconsiderando se é mais ou menos importante, mas que todo tipo de conhecimento deve estar presente dentro de um todo complexo.

Complexus significa o que foi tecido junto; há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. (MORIN, 2011. p. 38)

Nesse sentido Oliveira (2007, p. 19) explica que:

Os saberes ao se entrecruzarem na prática da pesquisa, se dimensionam numa verdadeira pororoca de ideias assim como a pororoca se define pelo encontro de duas forças diferentes, do mar e do rio no plano simbólico, caracteriza-se pelo encontro de diferentes forças de saberes que se transformam em uma onda de ideias que avança de forma avassaladora no processo de construção do conhecimento. Esse arrastar de ideias tem na natureza e na cultura Amazônia o eixo de formação de seu movimento.

Em sintonia com o que foi abordado, até aqui entendemos que saber popular é fruto da produção de significados de camadas populares da sociedade. As práticas sociais do cotidiano, a necessidade de promover meios de luta pelas suas sobrevivências, assim como os processos de resistências formam um conjunto de práticas sociais que são formadas por diferentes saberes com diferentes significados, os quais caracterizam diversas visões de mundo.

A esse respeito Morin (2011) destaca a importância do saber do senso comum apresentando a diversidade do pensamento complexo, como citado anteriormente, defendendo uma razão aberta – onde o senso comum também é, e deve ser considerado conhecimento para as diversas visões de mundo.

Santos (2003) denuncia a permanência de um modelo epistemológico colonizador que afasta e silencia outros modelos do pensar, defendendo assim uma ciência que valorize os saberes do cotidiano como contribuídos para o desenvolvimento social e científico. Há, portanto aqui uma preocupação com uma abertura à diversidade epistêmica do mundo, e neste caso, da Amazônia, na qual diferentes modalidades de saberes e práticas marcam as formas de aprender da população local, como é o caso das religiões de matriz africana, em especial os saberes oriundos da marujada.

Os saberes da experiência, como os produzidos nas relações cotidianas da Marujada, visto que não se encaixam nos paradigmas modernos e dominantes, por se encontrarem no ambiente fora da escola (SANTOS, 2003), precisam, contudo, de uma base epistemológica que possibilite a compreensão de suas especificidades, bem como as relações que estabelecem com outros saberes, principalmente aqueles situados no âmbito científico, pois “a integração do conhecedor em seu conhecimento deve ser para a educação um princípio e uma necessidade pertinentes”. (MORIN, 2011, p. 31)

Diferentes culturas, saberes e espaços de conhecimento: um debate sobre essa diversidade...

Entendendo que existem “Culturas” e não uma única cultura e que cada uma se manifestam de acordo com seus gestos, costumes, tradições, é que discutiremos nesse tópico a importância de se compreender a diversidade cultural e que no interior dessas culturas existem diferentes saberes e estes, por sua vez, são construídos e transmitidos em diferentes lugares que, nem sempre são na escola, mas são constituídos por saberes que formam práticas educativas dando sentido as “coisas do mundo” dentro de cada contexto cultural. Entretanto, sabemos que a escola tornou-se o espaço da educação, deixando de lado ou outros lugares que também produzem conhecimento.

Brandão (2002, p. 09) destaca que “não há uma única forma, nem um único modelo de educação, a escola não é o único lugar que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino não é sua única prática e o professor não é seu único praticante”. A educação para o autor é uma maneira do modo de vidas dos diversos grupos sociais que criam e recriam

formando sua cultura. Sendo assim, a educação também pode ser encontrada nos diversos saberes populares perpassando por um processo de ensino e aprendizagem.

Nessa concepção de que existem diferentes saberes e diferentes espaços de conhecimento entendemos que as ações educativas são desenvolvidas de forma multidisciplinar e são pertencidas a todos os espaços e manifestações populares que trocam experiência e desenvolvem processos educativos numa relação de troca de conhecimento. A educação, desenvolvida pelos saberes populares, se faz presente sendo utilizada como instrumento para a reprodução do saber-fazer em diferentes camadas sociais.

Nesse sentido estudos desenvolvidos por Oliveira (2007) apresenta a educação possuidora de características de libertação como sujeito de adaptação ao conhecimento e da sua história, capaz de problematizar e entender sua realidade vivida. Assim, nossa perspectiva se volta, entre outros, analisar as diferentes visões do conhecimento e também dos saberes, que formam processos educativos, como fundamentais a serem abordados em toda a sociedade com diferentes culturas que não privilegie um em detrimento do outro, mas que se aceitem mutuamente segundo paradigmas estabelecidos por cada um em particular.

Na intenção de mostrar essas diferenças de conhecimento, bem como descrever, através de um olhar epistemológico, as práticas educativas no cotidiano das manifestações culturais apresentamos a Marujada de Tracuateua/PA. Uma festa de cunho religioso que apresenta características particulares da região, onde há conhecimento e saberes culturais presentes e que perpetua uma tradição cultural do povo Tracuateuense revelando sua religiosidade e que demonstra em seu interior uma grande expressão ritualística, na forma de manifestação religiosa, possuidora de práticas educativas e com grande participação de sujeitos que estão dentro de um processo de ensino e aprendizagem.

A tentativa de relacionar os Saberes da marujada com a educação significa que existe em seu cotidiano práticas educativas que representam conhecimentos com interpretações distintas de mundo. Pois toda sociedade guarda mecanismos e por meio deles transmite e recria sua cultura. Com a Marujada não é diferente.

Nesse entendimento Oliveira (2007) ressalta que os diferentes grupos sociais se pautam em seus saberes que são construídos através de seus trabalhos e que atribuem significados que são importantes para suas vidas.

Eles constroem, se inserem ou se apropriam de seus ambientes pautando-se por saberes acumulados e configurados por meio do trabalho e de outros significados simbólicos que atribuem a determinados meios e que transcendem a dimensão do trabalho. (OLIVEIRA, 2007, p. 55)

Os saberes da experiência, como os produzidos nas relações cotidianas da Marujada, posto que não se enquadram nos paradigmas modernos e dominantes, por se encontrarem no ambiente fora da escola (SANTOS, 2003), carecem, contudo, de uma base epistemológica que possibilite a compreensão de suas especificidades, bem como as relações que estabelecem com outros saberes, principalmente aqueles situados no âmbito científico.

Assim, a valorização dos saberes populares não devem passar pelo estabelecimento de uma igualdade epistemológica entre os diferentes discursos, almejando dizer qual é o falso ou o verdadeiro, tampouco devemos entender que a educação não perpassa unicamente pela escola. Devemos compreender que os diferentes saberes são construtores de conhecimento, pois perpassam por um processo educativo de transmissão desses saberes. Devemos ainda, compreender quais mecanismos intrínsecos estão nesses diferentes espaços de produzir o conhecimento.

O conceito de saber, numa dimensão epistemológica, significa “todo um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados e susceptíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino” (JAPIASSU, 1986, p. 15).

Admitindo essa pluralidade de espaços e de conhecimento, estaremos aceitando os diferentes saberes como possíveis e válidos para a construção de uma sociedade baseada em conhecimentos que perpassam diferentes classes sociais e diferentes lugares ambos com realidades diferenciadas e com objetivos a alcançar.

Partindo do princípio que os diversos saberes devem caminhar num mesmo sentido, buscando uma “intercomunicação”, onde o senso comum deve está relacionado com o saber científico, é que entendemos que as diversas manifestações culturais perfazem dimensões entre saberes, imaginário, crenças, costumes, rituais, entre outros, que trabalhados informalmente não deixam evidentes os elos educacionais ali presentes. Assim, cultura e educação se relacionam em um processo cumulativo que forma e informa os diferentes grupos que dela participam. Para isso, Brandão (2002, p. 16), contribui ao informar que o homem como ser que pensa e desenvolve memória e história pela capacidade de simbolização criada e recriada por ele para aprender a viver, do mesmo modo que é refletida na sua vida e depois será compartilhada, implicitamente sobre a forma de cultura.

Desse modo, partimos do entendimento que a cultura é uma criação do homem e que dentro dela se desenvolve a educação ou os processos educativos que para Brandão (2003, p. 19) representa algo específico do homem e a partir daí ele aprende saberes de acordo com seu

tempo e espaço. Nisso compreendemos que o conhecimento não está, necessariamente, atribuído ao conhecimento científico, pois a ciência precisa dos saberes do senso comum para a compreensão do mundo. Sendo assim, qualquer tipo de conhecimento que o homem possui não é neutro ou desinteressado, mas construído sob uma relação social, política e cultural e, portanto, histórica. Isso significa dizer que à medida que o homem se relaciona com os outros homens, ele contrai e constrói visões da e sobre a realidade que o envolve. Neste processo de construção, o conhecimento que é produto de uma prática que se faz social e historicamente situada pode ser espontâneo ou de senso comum, científico, ambos contribuem para a construção e visões de mundo que esse indivíduo precisa para compreender a sua realidade. “São em ambientes da vida cotidiana, em atividades realizadas nas práticas diárias de afazeres domésticos, religiosos ou sociais os sujeitos podem ter o primeiro contato ou aproximação do saber popular”. (MARTINIC, 1995, p. 73)

Essas práticas educativas oriundas dos saberes populares direcionam seus praticantes a um processo de apropriação de valores, normas de conduta, memórias, códigos linguísticos e representações que favorecem a constituição de sua identidade étnica, social e cultural. Esse conjunto de acervos culturais, produzidos e adquiridos por processos de ensino-aprendizagem, constituem o conteúdo da educação do cotidiano, que estamos denominando de saberes cotidianos. (MOTA NETO, 2008, p. 07)

As práticas educativas no cotidiano da Marujada

Como já mencionado anteriormente nesse estudo, a Marujada de Tracuateua/PA, será apresentada nesse tópico, através de bases conceituais e epistemológicas como uma manifestação cultural que contém saberes e através deles desenvolvem suas práticas educativas e por isso deve ser vista como saber necessário para a construção do conhecimento, bem como um saber capaz de formar e informar indivíduos dentro de seu cotidiano que dela participam.

No cotidiano da Marujada circulam diferentes saberes, os quais são representados pelas práticas religiosas e ritualísticas, ensinamentos morais e outros tipos de saberes que são representados por meio de símbolos e códigos da tradição da Marujada de Tracuateua/PA. Esse conjunto de saberes é transmitido de geração à geração por meio da dança, da música, da oralidade e das relações que acontecem no interior da festa seguidos por uma *memória coletiva* que atravessou e atravessa toda essa tradição.

A Marujada é caracterizada como uma dança de caráter religioso, é formada por promesseiros que dançam em agradecimento a uma graça alcançada. Em Tracuateua foi fundada em junho de 1946, pelo vereador e comerciante, José Olegário Pinheiro, conhecido com José Maranhense. No município as homenagens a São Benedito e São Sebastião acontecem nos dias 19 e 20 de Janeiro. Reis (2014, p. 12), ressalta que essa festividade representa uma manifestação cultural que liga “vínculos dos sujeitos em sua sociedade” e que para fortalecer esses laços e tradição é necessário buscar a compressão dos símbolos e significados que fazem parte dessa festividade.

A Festividade da Marujada é um elemento significativo que expressa práticas culturais de um patrimônio vivo que marca o universo cultural dos saberes e manifestações culturais. É um elemento da identidade; uma expressão que destaca os seus saberes como praticas que contribuem para as diferentes visões de mundo. (VIEIRA, 2008, p. 16).

Carvalho (2010, p. 143), compreende a marujada como “manifestação espontânea”, que pode ser definida como um ritual afro-brasileiro, verificando um “elo entre os participantes e as raízes históricos e culturais muito apreciáveis”. Compreende ainda, uma “intrínseca relação entre a marujada com religiões e cultos dos negros trazidos da África”. Essa representação cultural se configura, então, como um rito perpassado por saberes que são transmitidos de geração a geração, por elementos símbolos, que vão desde a oralidade ate aos gestos corporais. E essa perpetuação dos saberes dos rituais da marujada se dá por meio de um processo de ensino e aprendizagem, com seus participantes, através da repetição.

Nesse sentido, destacamos a ideia de Mota Neto (2008, p. 55), para entendermos que “os saberes são produzidos nas relações sociais, e todos os indivíduos, nos diversos aspectos por onde transitam, constituem-se como sujeitos de ensino e aprendizagem” e por isso, o reconhecimento se volta a eles – entendidos e reconhecidos como “agentes de saber”. Geertz (2006, p. 18) ao falar da importância que as manifestações culturais representam, dentro de um aspecto de aprendizagem, – que são parte do patrimônio cultural de uma sociedade – devemos entender que através dela, também que os “indivíduos que compõem uma sociedade se expressam e expressam seus valores, suas preocupações, seus pensamentos” e, portanto suas praticas educativas”. Pois, o apenas o estudos dessas culturas permitem compreender “como os homens pensam o que vivem e o que sentem; como eles interpretam seus próprios saber e saber-fazer”.

Brandão (2002) desta que o ritual da Marujada se destaca por apresentar relações de aprendizagem, constituídas na própria “trama” da organização cultural, visto que sua

realização é uma forma de fazer a cultura acontecer. E esse fazer “cultura”, representados pelos saberes, estão contidos no relacionamento interpessoal presentes no cotidiano das pessoas (“marujos” e “marujas”) que participam desse ritual. Assim sendo, esses saberes são adquiridos por meio da prática cultural desses agentes envolvidos na Marujada e, expressam experiências de vida contida no contexto histórico-cultural de cada indivíduo.

Esse pensamento de Silva (1997) tem forte relação com as ideias de Brandão (2002) no que se refere à educação e cultura ressaltando que a transformação da natureza pelo trabalho do homem é considerado parte de sua cultura. Afirma que:

Tudo que existe transformado da natureza pelo trabalho do homem e significado pela sua consciência é uma parte e sua cultura: o pote de barro, as palavras da tribo, a tecnologia da agricultura, da caça ou da pesca, o estilo dos gestos do corpo nos atos do amor, o sistema de crenças religiosas, as histórias da história que explica quem aquela gente é e de onde veio, as técnicas e as situações de transmissões do saber; tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como conhecimento que se adquire através da experiência pessoal com o mundo ou com o outro; tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de endoculturação, por meio do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos sujeitos sociais. (BRANDÃO, 2002, p. 25)

Assim sendo, o saber como elemento cultural torna-se um “processo” que é expresso por diversos fazeres, sendo esses saberes repassados de geração a geração. Pois, eles, os saberes, existem e são repassados independentes da existência de escolas, para os indivíduos que representam a sua maneira de crer, agir, pensar em um determinado grupo social, isto é, representa seu modelo de homem ou mulher de acordo com seu imaginário. (BRANDÃO, 2002, p. 23)

Algumas Considerações

No cotidiano da Marujada se apresenta diversos saberes culturais que foram herdados das tradições, mas que estão constantemente resinificados para que possa seguir “vivo” dentre tantas transformações que a sociedade vem apresentando. Sem falar que esses saberes vêm sendo negado por paradigmas tradicional que estão vinculados a racionalidade científica.

Em virtude dessa negação da ciência aos saberes populares, acreditamos na defesa de uma epistemologia que enxergue os saberes populares como válidos direcionados a Marujada como construto social, cultural e de praticas educativas que corroboram para o “saber-fazer” incluídos num processo de ensino e aprendizagem.

Como podemos perceber no decorrer dessa discussão são muitos as de produzir conhecimento, assim como são diversos os lugares onde se transmitem esses conhecimentos,

porém ainda existe uma extrema distância em relacionar esses conhecimentos numa ótica da “complexidade” das partes como um todo, pois a marujada é apenas uma parte que desenvolve práticas educativas necessitando ser envolvida, pois contribui, através de seus saberes, respostas para a vida.

Assim, nossas considerações sinalizam que dialogar entre os saberes formais e não formais formam um imenso desafio que as instituições formais de ensino devem enfrentar para abrir-se aos saberes que são construídos pelos diferentes grupos sociais.

REFERENCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como Cultura**. Campinas: Mercado das letras, 2002.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A Festa do “Santo Preto”**: tradição e percepção da Marujada Bragantina. Brasília – DF. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

DUSSEL, Henrique. **El Emcubrimiento del Indio**: 1492 hacia el origen del mito e de la modernidade. 2ª ed: México. Editorial cambio XXI, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Ed. 13 Reimp. Rio de Janeiro. LTC, 2006. 323 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elabora projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1986

MARTINIC, Sergio. **Saber popular e identidade**. In: Educação Popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez, 1995.

MOTA NETO, João Colares da. **A Educação no Cotidiano do Terreiro**: Saberes e Práticas Culturais do Tambor de Mina na Amazônia: Belém 2008. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2ª ed. revisada – São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. SANTOS, Tânia Regina lobato dos. **Cartografias de saberes**: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular. Belém: EDUEPA. 2007

REIS, Maria Helena de Aviz dos. Marujada de Tracuateua: um olhar sobre as manifestações culturais religiosas na Festividade de São Sebastião e São Benedito. In: I CONGRESSO LUSÓFONO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES , 5., 2014, Lisboa. **Anais do Congresso e Religiões e Espiritualidades** – Culturas e Identidades – Lisboa, 2014. p. 37- 45.

SANTOS, Maria Roseli Sousa: **Saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade**: por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa. Texto parcial da dissertação ENTRE O RIO E AS ARTES: uma cartografia dos saberes artístico-culturais emergentes das histórias de vida de jovens e adultos na Ilha de Caratateua, pesquisa desenvolvida no Curso de Mestrado em Educação no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará. 2003

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

SILVA, Dedival Brandão. **Os Tambores da Esperança**. Um estudo sobre Cultura, Religião, Simbolismo e Ritual na Festa de São Benedito da cidade de Bragança. Editora: Falangola. Belém, 1997.

VIEIRA, Sonia Cristina de Albuquerque. **“É um pessoal lá de Bragança...”**: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. Orientadora Maria Angélica Mota. – Maués. 2008. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Belém – 2008.

ZIMMERMANN, Roque. **América Latina -o não ser**. Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel. Petrópolis: Vozes, 1987.